

Revista Brasileira de História – Órgão da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH/ Contexto, vol. 15, nº 30, 1995.

Semestral.

Indexada em: Sumários Correntes Brasileiros/ Ciências Sociais e Humanas, *Bibliographie Latino-américaine D'articles, Historical Abstracts, America: History and Life.*

ISSN: 0102 - 0188

CODEN: 0151/RBHIEL

Diretoria da ANPUH (Associação Nacional de História) - Biênio 1993/1995

Presidente - Holien Gonçalves Bezerra (UFGO)

Vice-Presidente - Luis Carlos Soares (UFF)

Secretária-Geral - Maria Helena Rolim Capelato (USP)

1º Secretário - Marc Jay Hoffnagel (UFPE)

2ª Secretária - Joana Maria Pedro (UFSC)

1ª Tesoureira - Ilana Blaj (USP)

2º Tesoureiro - Luís Manoel Domingues Nascimento (UNICAP)

Conselho Consultivo

Afonso Carlos Marques dos Santos (UFRJ)

Almir de Carvalho Bueno (UFRN)

Euclides Marchi (UFPR)

José Dourado de Souza (UFAC)

José Flávio Sombra Saraiva (UnB)

José Ricardo Oriá Fernandes (UFCE)

Leila Mourão (UFPA)

Lenalda Andrade (UFSE)

Luís Palacin (UFGO)

Maraliz de Castro Vieira Christo (UFJF-MG)

Maria da Guia Santos Gareis (UFPB)

Maria José Pinheiro (UFPE)

Paulo Roberto C. Queiroz (UFMS)

Sérgio Armando G. Guerra (UFBA)

Sylvana Maria B. de Vasconcelos (UFRO)

Valmir Muraro (UFSC)

Bolsista do CNPq: Marcelo Pedro de Arruda

Este número foi financiado pelo

Programa de Apoio a Publicações Científicas

MCT



e NÚCLEOS REGIONAIS da ANPUH de: MATO GROSSO DO SUL; PERNAMBUCO; RIO DE JANEIRO e SÃO PAULO.

Revista Brasileira de História

HISTORIOGRAFIA PROPOSTAS & PRÁTICAS

ANPUH - Núcleos Regionais de: Mato Grosso do Sul, Pernambuco,
Rio de Janeiro e São Paulo - MCT, CNPq e FINEP -
Editora Contexto

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA Nº 30
Fundadora: Alice P. Canabrava

Editor Responsável: Maria de Lourdes Monaco Janotti

Conselho Editorial

Afonso Carlos Marques dos Santos (UFF)
Kátia Abud (UNESP - Franca)
Leila Mezan Algranti (UNICAMP)
Márcia D'Alessio (UNESP - Franca/ PUC-SP)
Modesto Florenzano (USP)
Sônia Regina de Mendonça (UFF)
Tânia Regina de Luca (UNESP - Assis)
Vavy Pacheco Borges (UNICAMP)

Conselho Consultivo

Antonio Edimilson Martins Rodrigues (UFF/ UFRJ)
Antonio Paulo de Moraes Rezende (UFPE)
Caio Cesar Boschi (UFMG)
Gisafran Nazareno Mota Jucá (UFCE)
José Flávio Sombra Saraiva (UnB)
Luis Mott (UFPA)
Manoel Luis Lima Salgado Guimarães (UFRJ)
Maria de Fátima Fontes Piazza (UFCE)
Maria Stella Martins Bresciani (UNICAMP)
Raquel Glezer (USP)
Sandra Jatahy Pesavento (UFRGS)
Sérgio Odilon Nadalin (UFPR)
Vânia Leite Fróes (UFF)

Bolsista do CNPq: Marilena Vizentin

Capa: "Circuito", de Ismael Nery.
Nanquim sobre papel.

Copyright by ANPUH

Correspondência ANPUH - Av. Lineu Prestes, 338 - Cidade Universitária - USP - Caixa
Postal 8105 - CEP 05508-900 - São Paulo - SP - Fone/Fax: (011) 818-3047

EDITORA CONTEXTO (Editora Pinsky Ltda.) - Rua Acopiara, 199 - CEP 05083-110 -
São Paulo - SP - Fone: (011) 832-5838 - Fax: (011) 832-3561.

Desbravamento e Catequese na Constituição da Nacionalidade Brasileira: as Expedições do Barão de Antonina no Brasil Meridional

Maria Cristina Cortez Wissenbach*

RESUMO

Durante o século XIX, regiões do Brasil meridional assinaladas como "sertões desconhecidos" foram exploradas por indivíduos comprometidos com a questão da ocupação do interior. O presente artigo tematiza as expedições idealizadas e realizadas por uma das figuras mais controversas e poderosas da sociedade imperial: João da Silva Machado, mais conhecido como barão de Antonina. Através destas expedições ele articulou a posse de grandes áreas territoriais, aldeamentos indígenas e projetos de navegação fluvial às questões ideológicas mais urgentes ligadas à constituição da nação recém-criada. O artigo apresenta também memórias e outros documentos produzidos por Antonina e seus principais colaboradores: o marinheiro norte-americano João Henrique Elliott e o experiente sertanista João Francisco Lopes.

ABSTRACT

During the 19th century, regions of Southern Brazil known as the "uncharted wilderness" were explored by men committed to occupying the interior. This article examines a few of those expeditions, organized and undertaken by João da Silva Machado, Baron Antonina, one of the most powerful and controversial men of the Empire. Through these expeditions, he linked territorial occupation, Indian settlements and river navigation projects to the main ideological questions involved in the process of building a new nation. This article also presents accounts and other related documents by Antonina and his main collaborators: the American sailor John Henry Elliott and the experienced pathfinder João Francisco Lopes.

Sediado em sua fazenda no município de Faxina, extremo sul da província de São Paulo, João da Silva Machado, barão de Antonina, promoveu, entre os anos de 1844 e 1857, nove expedições de exploração e reconhecimento dos sertões meridionais do Brasil. Sob sua orientação, o sertanista mineiro Joaquim Francisco Lopes e o norte-americano João Henrique Elliott percorreram os rios Verde, Tibagi e Paranápanema, na então província de São Paulo, navegaram trechos do "Grande Paraná", e através de seus afluentes da margem direita, Ivinheima, Iguatemi, Bri-

*Doutoranda da Universidade de São Paulo. NÚCLEO DE SÃO PAULO.

lhante e Dourados, penetraram na região sul do Mato Grosso. Em abril de 1848, após completarem a sexta expedição, Elliott e Lopes consideraram realizado o objetivo maior das viagens a eles encomendadas: o de estabelecer a comunicação fluvial entre a comarca de Curitiba e a de Cuiabá, interligando as grandes bacias dos rios Paraná e Paraguai. Desbravando florestas e campos circundantes a esses rios, consideraram cumpridas também as instruções adicionais que haviam recebido: entraram em contato com as populações indígenas que dominavam esses "territórios desconhecidos"; mantiveram tratados de amizade com as lideranças guarani existentes no sul do Mato Grosso e puderam, posteriormente, deslocar parcelas dessas tribos para os aldeamentos indígenas criados na época. Finalmente, em diversos pontos da rota fluvial Curitiba-Cuiabá, sobretudo nas regiões de campos e pastos, marcaram imensas posses territoriais para seu mandatário, um pouco antes da efetivação da Lei de Terras de 1850.

Desta forma, em 1858, quando o barão de Antonina, afastando-se da região para ocupar uma cadeira no Senado do Império como representante da recém-criada província do Paraná, colocou a venda algumas de suas propriedades, arrolou uma parte do patrimônio territorial que fora constituído a partir dessas expedições: 3 fazendas de gado em Faxina, Castro e na campina de São Jerônimo, às margens do rio Tibagi, calculadas em torno de 25 léguas quadradas e 6 sesmarias na área do Baixo Paraguai, de limites e tamanho imprecisos, mas que a documentação judiciária do século XX calculou em aproximadamente 90 mil km².¹ Posses que englobavam, segundo a mesma documentação, quase todo o sul do Mato Grosso, quase toda a extensão dos municípios de Miranda, Nioac, Aquidauana, Ponta Porã, Porto Murtinho e Bela Vista, ou, segundo os termos do processo, "toda a região que fica entre o sul da estrada de ferro Noroeste do Brasil e a fronteira do Paraguai".

A constituição de grandes posses territoriais nos anos imediatamente anteriores aos dispositivos da Lei de Terras através, sobretudo, do desbravamento de *sertões desconhecidos* parece ter sido meio usual nas províncias meridionais brasileiras. Na região do Vale do Paranapanema, grandes proprietários rurais como, por exemplo, o mineiro José Teodoro de Souza, atraídos pelos imensos espaços livres, constituíram rapidamente seus domínios nesta mesma época, registrando-os posteriormente à lei nas paróquias de localidades vizinhas.² Neste sentido, as iniciativas de João da Silva Machado não foram originais; no entanto, numa perspectiva mais ampla, é possível afirmar que ele soube como ninguém atrelar seus interesses pessoais às urgências político-ideológicas da época, orientando

suas iniciativas aos planos maiores que presidiam a constituição da nação. Sócio atuante do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, fez registrar todas as expedições em relatos minuciosos, de autoria de Lopes e sobretudo de Elliott, destinados à publicação na revista do instituto. Por si só, a adequação destes relatos ao espírito da revista evidencia que, de alguma forma, encontravam-se materializados na prática social de Silva Machado alguns dos pressupostos básicos da agremiação, especialmente daqueles relacionados à maneira de se pensar a identidade da nação recém-criada.³

Arquitetadas em torno dos principais debates da época, sob a orientação de um poderoso político e documentadas por um conjunto importante de memórias, ofícios e outros documentos, o sentido histórico dessas viagens extrapola seu significado mais imediato, permitindo a abordagem de questões sugestivas da vida do Império. As viagens podem ser analisadas na articulação aos projetos políticos mais amplos, especialmente aos planos de intercomunicação do território nacional, aos sonhos de incremento da navegação fluvial e à problemática premente de colonização e catequese que, somados, efetivariam a ocupação das regiões do interior. Podem ainda ser vistas como capítulo da expansão das atividades pastoris e agrícolas em busca de novas áreas produtivas ou novos centros de criação e de comércio, no caso a integração econômica do chamado oeste brasileiro - os chapadões e pantanais mato-grossenses - e as florestas e campos do norte do Paraná e sudoeste de São Paulo. Ou então, como episódio da história social do Império, empresas que mobilizaram energias sociais diversas e que produziram, sem dúvida, conflitos acirrados.

Em termos sociais, a própria composição do comando dessas expedições é sugestiva. Juntam-se num mesmo empreendimento homens com distintas experiências de vida - um poderoso barão, um experiente sertanista e um aventureiro norte-americano -, imprimindo cada um deles expectativas singulares às viagens. Enquanto que Silva Machado dirigia essa ação para a expansão de sua fortuna pessoal e projetava-a para o centro da vida política da época, construindo sua imagem e carreira de grande político do Império, para Lopes constituía episódio de sua experiência de sertanista, de desbravador. Mais complexa é a tarefa de captar as motivações de Elliott e explicar a permanência na região de um marinheiro norte-americano, que acaba por transformar tais vivências em material para a elaboração de romances indianistas. Examinar, de maneira introdutória, a trajetória de cada um desses personagens se mostra necessário para a colocação de algumas questões que considero pertinentes para se chegar ao sentido histórico destas viagens.

Em primeiro lugar, o promotor dos empreendimentos, João da Silva Machado, barão de Antonina, título que recebeu, segundo seus biógrafos, em 1843, por sua atuação contra o levante paulista liderado por Rafael Tobias de Aguiar.⁴ Natural do Rio Grande do Sul, trata-se de uma das figuras mais poderosas do Império. A base de seu poderio sócio-econômico constituiu-se no mundo das tropas e da pecuária, onde se transformou, no dizer de Caio Prado Jr., de simples condutor de tropas num dos principais arrematadores de gado da feira de Sorocaba e grande fornecedor ao exército brasileiro e à Corte.⁵ De outra parte, através da carreira militar - Coronel da Guarda Nacional e Comandante das Tropas do sul da província de São Paulo - e de laços familiares e de compadrio estabelecidos com importantes troncos paulistas - com Silva Prado, barão de Iguape e com os Prates e os Vergueiro - consolidou sua trajetória de ascensão social.⁶ Poder pessoal indiscutível na região sul, estendeu sua influência à Corte, mantendo vínculos pessoais com os Ministros do Império e com o próprio Imperador, tornando-se, em nome do poder central, um dos principais executores dos planos de colonização e de comunicação na área de seu domínio. Através de uma profícua correspondência trocada nesta época com a elite política do Império, construiu sua imagem de grande empreendedor dos negócios do sertão, projetando-se como articulador de importantes rotas e caminhos, defensor da imigração e conseqüentemente crítico da escravidão, protetor dos índios, benemérito cidadão conhecedor de seus usos, costumes e língua.⁷

Na organização das viagens o comando atribuído a Joaquim Francisco Lopes é por si só elucidativo. Mineiro da área do Triângulo, foi na década de 1830 um dos primeiros desbravadores da região centro-sul do Mato Grosso, comandando bandeiras destinadas a abrir picadas, reconhecer os rios e sertões de Camapuã e fazer posses para diversos mandatários.⁸ Seu papel histórico - ponta de lança para as primeiras ondas de ocupação mineira da região oeste - resultado da expansão pecuária do Sul de Minas Gerais - foi salientado por Nelson Werneck Sodré, no ensaio de 1941 sobre a propriedade pastoral.⁹ De família de experientes sertanistas, que migraram de Minas para a cidade paulista de Franca, situada estrategicamente na *boca do sertão*, a personalidade deste sertanista caracterizado na documentação como intrépido e solitário se aproxima da descrição feita por Taunay do herói sertanejo da Guerra do Paraguai, seu irmão, José Francisco Lopes, mais conhecido como o Guia Lopes.¹⁰ Após as experiências aqui tratadas, manter-se-á ligado às empresas dos sertões, na abertura de novas estradas e na pacificação de outros grupos indígenas, a serviço

dos governos provinciais do Mato Grosso e do Paraná.

Mais obscura é a trajetória de João Henrique (John Henry) Elliott. Marinheiro norte-americano, não se sabe com exatidão os motivos de sua conversão aos empreendimentos do interior brasileiro. Segundo narrou numa conversa que teve com o engenheiro inglês Bigg-Wither, na década de 1870, foi motivado "por simples curiosidade", "para dar uma olhada no que havia por detrás da grande cordilheira marítima do sul do país", que avistava a bordo de seu navio.¹¹ Estabelecendo-se em Curitiba por volta de 1840, foi arregimentado pelo barão de Antonina provavelmente por suas habilidades nos aparelhos de viagem e de navegação, tornando-se o principal anotador das expedições, em mapas, relatos e aquarelas. Após as viagens, reapareceu em 1857 na imprensa curitibana com a publicação de um romance histórico indianista, intitulado *Aricó e Caocochée. Uma voz no deserto*, dedicado ao barão de Antonina.¹² Segundo informam os estudiosos da tradição histórica dos kaingang, o romance de Elliott traz uma versão dos acontecimentos de 1844, ocorridos na região de Palmas e Chapecó, descrevendo o massacre de um grupo da mesma nação.¹³

As viagens, como já foi dito, foram minuciosamente relatadas em memórias de autoria tanto de Lopes quanto de Elliott, no geral enviadas à Revista do Instituto Histórico Brasileiro, não sem antes sofrer uma revisão por parte do barão que, segundo dizem, era o responsável pela redação final e pelos floreios estilísticos.¹⁴ No entanto, em que pese tais intervenções, os roteiros constituem fonte importante não só para a reconstituição das intempéries do desbravamento da região, como também para se buscar os planos maiores que presidiam tais iniciativas. Pois, embora desenvolvidas de maneira intermitente ao longo de treze anos, as viagens foram concebidas de uma maneira relativamente global na qual se entrelaçavam desbravamento e ocupação de terras, pacificação, catequese e sedentarização dos grupos indígenas. A esses diversos objetivos coadunava-se também um *projeto histórico*, norteado pelo pragmatismo que a recuperação do passado histórico teria para os empreendimentos do presente, idéia esta cara a Antonina e que exprimia seus vínculos com o poder e com a *academia dos eleitos* da qual fazia parte.

Os nexos entre as empresas de reconhecimento dos sertões e os projetos políticos mais amplos têm sido afirmados pela produção historiográfica atual. Estudos, como por exemplo, "Nação e Civilização nos Trópicos", de Manuel Salgado Guimarães, demonstram a extrema afinidade entre a afirmação da idéia de nacionalidade e as viagens de exploração.¹⁵ Sobre tudo no contexto político dos anos de 1840 e 1850, marcado

pelos esforços de consolidação do Estado e da Nação, as viagens ao interior materializavam dois dos fundamentos ideológicos deste processo: o esquadramento geográfico e físico do território nacional e, através do contato com os povos indígenas, a garantia de continuidade da missão civilizadora do homem europeu, internalizada enquanto tarefa do presente. O impulso de desbravamento e conquista dos sertões ao mesmo tempo que conseguia dar forma à concepção de Nação enquanto entidade física e geográfica, substanciava o esforço de atrair para o centro territórios longínquos e populações selvagens, vencendo-se localismos e influências exógenas. Em se tratando de um movimento orientado a uma área de fronteira, a empresa de Antonina adquiria, além disso, um sentido estratégico: contribuía para liberar os territórios mato-grossenses da influência natural em direção à bacia Platina e da cobiça das repúblicas vizinhas, inimigas em potencial do regime imperial.

Os itinerários de viagens ao interior eram, de outra parte, gênero de narrativa largamente difundido na época.¹⁶ A imagem de nação jovem, porém plena de possibilidades e energias, encontrava sua melhor expressão na descrição de uma natureza virgem, generosa e portadora de mananciais inexauríveis, no dizer de Elliott. Nada melhor para a visualização das potencialidades da pátria do que as descrições acerca da diversidade da flora e da fauna e a da sucessão de formações geográficas - chapadões, campos, florestas, serras e picos - que desenhavam a paisagem do interior. Aliado a isso, a via de penetração através de uma multiplicidade de rios que, encadeados nas grandes bacias, serpenteavam em direção ao interior, demonstrava a tendência natural de conquista e enunciava também um conteúdo simbólico adicional. Trata-se, em geral, de uma concepção de narrativa e de recurso estilístico compartilhados por inúmeros outros relatos do século XIX e, neste sentido, presente também nos relatórios oficiais e nas obras literárias.

No entanto, sob uma aparente homogeneidade estilística, nos itinerários de viagem aqui tratados o sertão ganha formas e de uma entidade abstrata, quase sempre grafada em maiúscula, transforma-se na dura realidade de rios repletos de obstáculos, de florestas densas e impenetráveis, de pestes e sezões, do perigo rondando a cada curva dos rios e a cada passo das viagens. Sob a capa de uma aparente uniformidade descritiva, o tema recorrente dos itinerários passa a ser a narração dos infortúnios e das dificuldades implícitas ao desbravamento. Elementos que, não resta dúvida, duplicavam a força impressionista da mesma narrativa, pois era exatamente através desses confrontos repetitivos que se construía a figura do

desbravador. No caso específico dos roteiros das viagens promovidas pelo barão de Antonina, a quebra de homogeneidade das narrativas traz também consigo a explosão das individualidades: visões e sentidos particulares atribuídos por Lopes e por Elliott às diversas descrições.

Para Lopes, enfrentar as intempéries das viagens e a exploração do sertão equivalia a colocar em prática sua capacidade de sobrevivência no ambiente inóspito e, por esse motivo, em suas descrições, mais cruas e diretas, predominam os temas da fome e da doença e, diante de tais adversidades, a improvisação dos meios capazes de contorná-las. Por outro lado, em suas memórias, o sertão é a todo momento particularizado através do registro das diversas formações vistas sob o prisma de seu aproveitamento futuro. Assim estão demarcadas, por exemplo, as áreas de *pastos ruins* das áreas de *pastos bons*, assinalando, para seus mandatários, os locais apropriados para a criação de gado; da mesma maneira, é capaz de distinguir pelo tipo de vegetação, os terrenos adequados ou não para a agricultura. O mesmo conhecimento e domínio do interior já não transparece nas memórias de Elliott. Nestas, o sertão dilui-se em imagens multivariadas que lhe inspiram ora sensações de nostalgia, diante da força implacável da natureza, ora sentimentos de volúpia, ora ainda desejos inconscientes de negar totalmente a paisagem. Em vários trechos, traduz a exuberância da natureza e a profusão de matizes da vegetação através da imagem de um deserto, referendando acima de tudo o sentimento de solidão que lhe dominava. Enquanto que para Elliott impera essa sensação, Lopes recompõe o sertão despovoado em vínculos de solidariedade estabelecidos com os raros viajantes que encontra - caçadores, pequenos negociantes de peles ou de gado -, com os fazendeiros e os militares, nos locais de destino, com os índios que transforma em seus aliados. Não é necessário dizer que também nas relações com o elemento indígena profundas distinções marcam as narrativas de Elliott e as de Lopes.

Imbricado no cenário do sertão, dominado pelo *gentio selvagem*, surge um aspecto importante dessas viagens capaz de torná-las singular enquanto discurso e prática no contexto das demais viagens que se realizavam na época. Silva Machado, Lopes e Elliott não exploravam qualquer sertão, mas o *sertão do Paiquerê*, área onde se desenvolveu no século XVII a civilização jesuítica do Guairá. Penetravam em trechos do território nacional portadores de uma memória histórica perceptível e era exatamente através dessa vinculação ao passado jesuítico que seus empreendimentos revestiam-se de um sentido adicional e se transformavam em *projeto histórico*.

As viagens foram precedidas por uma investigação realizada por Silva Machado junto aos arquivos de Buenos Aires. Como resultado dessas pesquisas enviava ao Imperador, em 1842, um resumo das memórias antigas sobre a região, assinalando a provável localização de cada uma das reduções missionárias desta área e das principais cidades castelhanas da região.¹⁷ Uma vez iniciadas, ao longo dos vários trajetos são procuradas as ruínas das missões de São Francisco Xavier, no rio Tibagi, as de Santo Ignácio-Merim e Nossa Senhora de Loreto na confluência entre o Paranapanema e o Pirapó, e as das antigas cidades de Vila Rica do Espírito Santo, entre o Ivaí e o Corumbati, de Xerez, no rio Apa e, no rio Piquiri, as da Cidade Real do Guairá. Assim, no cenário acertado e mitificado dos sertões do Paiquerê, restaurar os sinais do passado tinha como finalidade recompor uma memória histórica que forneceria à ação dos desbravadores e a seus projetos de catequese uma sobrecarga de legitimidade e dignidade. Nas ruínas das antigas missões reencontrava-se o elo perdido do passado, capaz de substanciar a prática social pautada pelas necessidades do presente. Sobre as ruínas de Loreto e na região de Santo Ignácio foram reeditadas, sob a inspiração de Antonina, novas versões de aldeamentos nos quais a presença religiosa se mantinha, através da ordem dos capuchinhos, mas que, no entanto, não suplantava a autoridade leiga, ou seja, a do representante do Estado corporificado na figura do *Pahy-Guassú dos índios de Faxina, do Rio Verde e do Jatahy*, título que havia recebido o barão.¹⁸

Nessas novas edições de aldeamentos os instrumentos de catequese são também reatualizados: através da religião, mas, sobretudo através do trabalho rotineiro na agricultura, pretendia-se forjar a conversão dos *selvagens à civilização*, transformando-os, a médio e longo prazo, em mão-de-obra produtiva, adequando-os não só às exigências como também às benesses do mundo dos brancos. Conforme explicitou o barão de Antonina, em ofício enviado ao Presidente da Província de São Paulo, tratava-se, principalmente, de retirar os índios da vida errante e

“procurar crear entre eles as necessidades do homem civilizado, facultando-lhes para isso, gratuitamente, os meios necessários (...) deste modo, e gozando de tais commodidades, em pouco tempo tão habituados ficarião a estes gozos, que ser-lhes-hia impossível tornar à vida errante”.¹⁹

Esta última proposição, meio habitual no discurso de catequese da época, indica uma das principais intenções de Antonina nos seus projetos de conquista e desbravamento, qual seja, a de liberar as ricas pastagens do sul do Mato Grosso da presença muitas vezes acintosa das tribos indígenas e formar, através de aliados catequizados, uma corrente capaz de isolar ou neutralizar a ação dos grupos mais arredios.

Durante as várias expedições, os correligionários do barão de Antonina entraram em contato com diversas nações indígenas, mapeando sua localização e traçando a personalidade definidora de cada uma das tribos.²⁰ Ao longo dos percursos, sobretudo nas regiões do Paranapanema e do Ivaí, encontraram os indícios dos “temíveis coroados”; na mesma região, registraram a presença dos Xavante e nos territórios mato-grossenses contataram grupos de Guaykuru, Kadiwéu, Guaná, Terena e Quinquinao. Nas narrativas, cada um desses contatos era motivo para uma digressão sobre o aspecto físico dos indígenas, seus hábitos e costumes, suas moradias e indústrias. Mas, principalmente, procuravam traçar considerações sobre o caráter de cada um dos grupos, o que equívale dizer, determinar sua propensão ou não ao contato com os brancos.

No entanto e apesar desses múltiplos contatos, o objetivo dos expedicionários se colocava para além da diversidade dos grupos indígenas que foram contatados. A intenção de catequese era, antes de mais nada, seletiva, em função das ligações intrínsecas deste aspecto ao *projeto histórico* e, neste sentido, a atenção se dirigia sobretudo aos grupos Kaiowá, estabelecidos na extensa área que ia dos contrafortes da serra de Maracajú às margens do rio Paraná. Do tronco tupi-guarani, acreditava-se serem estes os descendentes dos antigos indígenas administrados pelos jesuítas, herdeiros portanto da tradição missionária que procuravam reeditar. Nas palavras de Lopes, era necessário redimi-los da violência praticada há mais de dois séculos pelos paulistas, que novamente haviam lançado multidões à mais negra selvageria. Mantinham-se, no entanto, e no dizer do mesmo sertanista, com resquícios desse passado: eram industriais e pacíficos, destacavam-se por suas habilidades na agricultura, por um senso mínimo de justiça e com estruturas de mando que os colocava a meio passo entre a *barbárie* e a *civilização*. A imagem do cacique Iguajurú, batizado Capitão Libânio, registrada por Lopes em 1848, traduz a idealização dos Kaiowá:

“índio de proporções atléticas, alto, forte, reforçado e de uma phisionomia insinuante, respirando nas maneiras franqueza e magnanimidade, bem como em suas conversações muito tino e raciocínio...”

Na mesma passagem, continuava a caracterização desse chefe indígena, acentuando a importância de sua conversão tendo em vista sua larga influência junto às demais aldeias da região:

*“Há debaixo das suas ordens mais sete caciques, e elle me disse que a sua gente era tanto como terra, o que dizia tomando punhados de terra entre as mãos e atirando-a”.*²¹

Ou, como relatava também Elliott:

*“Os nossos índios disserão-nos que este era o casique dos Cayuás, que além de sua horda, todas as aldeas de Matto grande prestavam-lhe obediência”.*²²

A ênfase no espírito pacífico dos Kaiowá e na sua predisposição ao contato com os homens brancos é ponto comum em todos os roteiros, tanto nos de Elliott como principalmente nos de Lopes, qualidades por eles sublinhadas mesmo quando eram obrigados a narrar ataques indígenas que vitimizaram membros das expedições. Em 1848, três parceiros de viagem de Lopes, entre eles Francisco Barbosa, pertencente a uma das famílias proprietárias pioneiras na região, foram assassinados de maneira violenta por índios Kaiowá, e, ao relatar o fato, Lopes qualifica-o como episódio inusitado, de responsabilidade de índios desviantes e delinqüentes.²³ Numa direção exatamente contrária, o mesmo episódio ficou registrado na memória dos antigos habitantes da região sul do Mato Grosso, que exemplificavam através deste fato a resistência dos grupos indígenas à penetração do homem branco. Sobre o acontecimento, depunha José Mariano Barbosa, no processo de 1922:

“que sabe de sciência própria que, antes da Guerra do Paraguay, e especialmente entre 1844 e 1850, a referida região era exclusivamente habitada por índios bravios, das nações Chavantes, Coroados, Caiúaz e Guaranis, os quais não consentiam no ingresso de gente civilizada e muito menos de estabelecimento ou ocupação de terras. Um tio delle depoente, de nome Francisco Gonçalves Barbosa, foi assassinado por índios perto do rio Ivinheima, cerca do anno de 1848 ou 1849, porque imprudentemente alli foi ter, acompanhado de apenas dois companheiros, pois não consentiam

*os índios na aproximação de civilizados na região por elles dominadas”.*²⁴

Em termos do destino histórico dos grupos Kaiowá desta região e das relações mantidas entre pioneiros brancos e índios, o relato de Elliott datado de 1852 é um dos mais expressivos, pois tematiza a transferência de largos contingentes indígenas de seus territórios tradicionais para os aldeamentos criados por Antonina.²⁵ Encarregado de comandar o deslocamento de mais de 500 indígenas em direção à colônia de São Pedro de Alcântara, no rio Jataí, Elliott pressentia a todo momento a transformação de sua condição de civilizado em recurso extremamente frágil. Diante da multidão de indígenas indisciplinados e susceptíveis, era obrigado a adequar o ritmo da viagem à cadência da marcha dos índios; era necessário respeitar o tempo imposto pelas práticas festivas; era preciso uma vigilância diuturna, não criar contentas por causa das mulheres, manter o olhar sob determinados chefes mais arredios, e sobretudo, assegurar o suprimento da alimentação. No transcorrer da viagem, suas apreensões aumentam; narra Elliott:

*“As chuvas eram contínuas e copiosas, e o mau tempo não dava lugar para procurar-se abelheiras; os festins nocturnos foram deixados e os índios mostrando-se com um aspecto sombrio e sinistro, conservam-se silenciosos....”*²⁶

Chegando perto de seu destino, é com extremo alívio que o chefe da expedição descreve o momento em que os índios “arrojaram ao rio suas flechas como em significação que não dependem mais da caça para sua manutenção”. Finalmente, termina seu relato:

*“O tempo melhorou e a 21 de novembro, o 41º do meu regresso e o 58º de minha partida do Jatahy, chegamos à colônia, sem que tivesse emergência alguma notável. Tal é a índole pacífica dos Caiuaz e sua tendência para a civilização”.*²⁷

Sem dúvida que essa experiência vivida por Elliott imprimiria a seus projetos literários uma direção específica.

No ano de 1930, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sob a direção de Plínio Ayrosa, publica três manuscritos loca-

lizados nos arquivos do instituto e referentes aos empreendimentos de Silva Machado: a versão original do roteiro de Elliott, de 1845, um croqui das ruínas de Loreto, feito também por Elliott, em 1852, e um manuscrito do capitão Antonio Dias Baptista Prestes, descrevendo a primeira viagem comercial empreendida em 1851 na rota explorada por Antonina e seus expedicionários.²⁸ Enquanto que o primeiro serviu como peça comprobatória para atestar as diferenças de redação entre originais e roteiros publicados no Rio de Janeiro - e deste maneira, revelar a larga influência de Antonina junto ao material e a importância que atribuía à sua divulgação -, o segundo roteiro, de autoria de um comerciante que com um carregamento de sal e outros produtos inauguraria o caminho em direção à Cuiabá, esclarece a realidade de uma rota pouco viável. Ao contrário do primeiro, este depoimento é acima de tudo um lamento, uma seqüência quase que interminável de descrições de acidentes de toda espécie - rios de cachoeiras quase que intransponíveis, perda dos carregamentos, epidemias de maleita e outras doenças que atacavam os expedicionários, encontros com índios arredios, etc. -, que acabaram por transformar a expedição num verdadeiro desastre. Lamúrias e queixas que terminam com acusações veementes ao incentivador da viagem, verdadeiro *mestre dos enganos*.²⁹

De forma similar ao que ocorreu com a expedição de Antonio Prestes, o desfecho de grande parte dos empreendimentos vinculados às viagens de Antonina, Lopes e Elliott foi melancólico. Nos finais do século XIX pouco restava dos aldeamentos indígenas criados na metade do século; abandonados e em ruínas foram substituídos por colônias de imigrantes e suas terras distribuídas entre colonos nos inícios do século XX. A ocupação física e econômica das áreas do sul do Mato Grosso aguardaria o término da Guerra do Paraguai e a constituição de imensas propriedades destinadas à exploração da erva mate, como as de Tomás Laranjeira. No século XX, os herdeiros do barão não conseguiram fazer valer seus pretensos direitos sobre propriedades na região. Elliott e Lopes acabariam esquecidos, doentes e pobres, nos aldeamentos que ajudaram a constituir: Elliott em São Jerônimo e Lopes, em São Pedro de Alcântara. E, principalmente, os sonhos de intercomunicação fluvial foram submergidos pela construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

No entanto, ao longo de todo o século XIX, assistiu-se na mesma região percorrida por Elliott e Lopes a repetição de outras expedições, comandadas por engenheiros e militares tais como Henrique de Beaurepaire Rohan, André Rebouças, o inglês Thomas Bigg-Wither, os alemães Franz e Joseph Keller e o sertanista Telêmaco Borba - homens igualmente envol-

vidos com os projetos do interior. Nos novos diários de viagem, nos relatórios oficiais e nos registros particulares por eles produzidos, repetem-se os mesmos temas: os sonhos da navegação fluvial, as tentativas e os fracassos de fixar os índios à terra, os melhores roteiros para se chegar aos destinos longínquos. Constituem, não resta dúvida, expressões recorrentes da atração do desbravamento do sertão na mentalidade dos homens do século XIX e que, uma vez contextualizadas, permitem a percepção de aspectos importantes do processo histórico da expansão em direção ao interior.

Memórias relativas aos empreendimentos do barão de Antonina, Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott³⁰

1829 a 1839. LOPES, Joaquim Francisco. "Roteiro de uma picada levada a efeito por Joaquim Francisco Lopes, por determinação do Presidente da Província de Matto Grosso, José Antonio Pimenta Bueno". *Boletim do Departamento de Arquivo do Estado de São Paulo*, volume 3, 1943, p. 61-125.

1829 a 1841. LOPES, Joaquim Francisco. "Derrotas de Joaquim Francisco Lopes pelos sertões das Províncias de S. Paulo, Minas e Matto Grosso. 1829-1841". Ms., original, parte inédita, Biblioteca Nacional.

1841. LOPES, Joaquim Francisco. "Algumas lembranças sobre a preferencia que deve ter huma ou outra das duas estradas projectadas para a Província de Matto-Grosso, por Joaquim Francisco Lopes em 1841, pouco mais ou menos". Ms., original, inédito, Biblioteca Nacional.

1842. MACHADO, João da Silva. "Informações que pude obter do alferes Antonio Pereira Borges, Commandante da Companhia exploradora formada em Campos Geraes de Coritiba, na demanda dos Campos denominados Paiqueré". Junto a: "Noções do Território de Guayra, hoje por corruptela chamado Paiqueré, tiradas das histórias moderna e antiga do Paraguay, Rio da Prata e outras". *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, tomo 5, 3ª edição, 1885, p. 109-117.

1844 a 1847. ELLIOTT, João Henrique. "Itinerario das viagens exploradoras empreendidas pelo Sr. barão de Antonina para descobrir uma via de comunicação entre o porto da villa de Antonina e o Baixo-Paraguay na província de Mato-Grosso: feitas nos annos de 1844 a 1847 pelo sertanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes, e descriptas pelo Sr. João Henrique Elliott". *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, tomo 10, 2ª edição, 1870, p. 153-177.

1845. ELLIOTT, João Henrique. "Resumo do Itenerario de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itararé, Paranapanêma e seus afluentes, pelo Paraná, Ivahy, e sertões adjacentes, emprehendida por ordem do Exm. Sr. barão de Antonina". *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, tomo 9, 2ª edição, 1869, p. 17-42.
1845. ELLIOTT, João Henrique. "Itinerário de huma viagem de exploração pelos Rios Verde Itararei, Paranapanema e os sertões circunjacentes mandado fazer pelo Exo. Snr. Barão de Antonina em 1845". *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo*, tomo 28, 1930, p. 230-267.
1845. *ELLIOTT, João Henrique. "Mappa chorographico de parte da província de São Paulo, incluindo partes das províncias circunvizinhas de Matto Grosso, Sta. Catharina, S. Pedro do Sul, e dos Estados vizinhos de Corrientes, e Paraguay; notando o verdadeiro curço — d'alguns rios q desagoão no Paraná e margem septemtrional do Uruguay e q se conhecem melhor as suas junções, pelo rezultado das explorações mandadas fazer pelo barão de Antonina nos sortões de Paranapanema, Tibajy, Ivahy, nos annos de 1844 e 1845". Impresso, Arquivo Militar.
- 1848 a 1849. LOPES, Joaquim Francisco. "Itinerário da septima exploração feita para verificação de possibilidade de uma via de comunicação entre a Cidade de Antonina e a Província de Matto-Grosso, pelo Baixo Paraguay, em 1848, por Joaquim Francisco Lopes". Ms., Instituto Histórico Geográfico Brasileiro.
- 1848 a 1849. LOPES, Joaquim Francisco. "Itinerário de Joaquim Francisco Lopes. Encarregado da exploração da melhor via de comunicação entre a Província de São Paulo e a de Matto-Grosso pelo Baixo Paraguay, em 27 de outubro de 1848". *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, tomo 13, 2ª edição, 1872, p. 315-335.
1848. ELLIOTT, João Henrique. "Mappa Chorographico de parte das Províncias de São Paulo e Matto Grosso, mostrando a novã via de comunicação do Porto da Villa de Antonina ao território do Cuiabá e Republica do Paraguay, em consequencia das Explorações feitas pelos sertanistas Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott desde o anno 1844 ate fins de 1847 em serviço do Barão de Antonina. Desenhado por João Henrique Elliott." Aquarela, original, inédito, Biblioteca Nacional.
1851. PRESTES, Capitão Antonio Dias Baptista. "Viagem do Capitão Antonio Dias Prestes e seu irmão Manoel Dias Baptista Prestes

- desta província de São Paulo à Cuyabá em 21 de abril de 1851". *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo*, volume 28, 1930, p. 773-795.
1852. MACHADO, João da Silva. "Officio do Barão de Antonina ao Ministro do Império, remetendo ao Visconde de Monte Alegre, para ser apresentado a S. M. I. um mapa do Sul da Província de São Paulo, organizado pelo piloto João Henrique Elliot. Fazenda de Perituva, 21 de fevereiro de 1852". Ms., inédito, Biblioteca Nacional.
1852. ELLIOTT, João Henrique. "Mappa Corographico de parte das provincias de S. Paulo e Matto Grosso, incluindo tambem parte da Republica do Paraguay e Provincia de Corrientes, mostrando a novã via de comunicação desde o Porto de Antonina até a cidade de Cuyabá, e augmentado com as ultimas explorações feitas no Baixo Paraguay pelo Piloto João Henrique Elliott em serviço do Barão d'Antonina, nos annos de 1850 e 1851". Aquarela, original, inédito, Biblioteca Nacional.
1852. ELLIOTT, João Henrique. "A Emigração dos Cayuãz. Narração coordenada sob apontamentos dados pelo Sr. João Henrique Elliot, pelo socio effectivo, o Sr. Brigadeiro J. J. Machado de Oliveira." *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, tomo 19, 1900, p. 434-447.
1852. ELLIOTT, João Henrique. "Planta das ruinas de N. S. de Loreto sobre o Paranapanema, logo acima da barra do Rio Pirapó, descoberto em 22 de outubro de 1852." *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo*, tomo 28, 1930, p. 802-803.
1852. ELLIOTH, João Henrique. *Aricó e Caocochee ou uma Voz do Deserto. História fundada em factos, dedicada ao Illmº e Exmº barão de Antonina*. Rio de Janeiro, Vianna & Cia., 1852. Impresso, Biblioteca Nacional.
1855. ELLIOTT, João Henrique. "Mappa Chorographico da Provincia do Paraná. Colonia Militar do Jatahy. 1855. João Henrique Elliott." Aquarela, original, Mapoteca da Secretaria de Estado das Relações Exteriores - Itamarati.
1857. ELLIOTT, João Henrique. "Itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Iguatemy, Amambahy, e parte do Ivinheima, com os terrenos adjacentes começado no dia 3 de agosto de 1857, por Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott". Ms., inédito, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

1857. *ELLIOTT, João Henrique. "Mappa Chrographico da Província do Paraná, incluindo tambem partes das Províncias circumvizinhas, Republica do Paraguay e Confederação Argentina, augmentando com os ultimos explorações feitos aos Rios Paraná, Amambahy, Escopil e Igatimy por Lopez e Elliott no anno de 1857. Dezenhado por João Henrique Elliott, e offerecido ao Illm. e Revmo. Snr. Frei Timotheo de Castel Novo, Dignmo Director do Aldeamento de S. Pedro de Alcantara do Jatahy". Cópia, aquarela, Arquivo Militar.
1861. *ELLIOTT, João Henrique. "Planta Chorographica da Fazenda de Congonha, pertencente ao Exmº Snr. Barão de Antonina; incluindo tambem parte dos terrenos do Aldeamento de São Jerônimo e das Terras Nacionaes circumvizinhas. Dezenhada por João Henrique Elliott. 1861". Cópia, Arquivo Militar.
1861. ELLIOTT, João Henrique. "Esboço da estrada que segue da Cidade de Castro para o Porto de Jatahy, para melhor intelligencia da posição relativa do Aldeamento de São Jerônimo, Fazenda de Congonhas, Colonia Militar do Jatahy e Aldeamento de São Pedro de Alcântara; desenhado por João Henrique Elliott". Cópia, inédito, Biblioteca Nacional.
1862. LOPES, Joaquim Francisco. "Relatório Circunstanciado da exploração do rio Bariguy, pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes". Anexo J do *Relatório do Presidente da Província do Paraná*, Curitiba, Typographia do Correio Official, 1862.
1863. ELLIOTT, João Henrique. "Descrição Chrographico da Província do Paraná, por J. H. Elliott, datado de 1863 do Aldeamento de S. Jeronimo, incluindo Desenhos e Planta de Parte das Províncias do Paraná e Matto Grosso." Álbum de aquarelas, e texto ms., Mapoteca da Secretaria de Estado das Relações Exteriores - Itamarati.
1871. LOPES, Joaquim Francisco. *Memória sobre a vereda mais facil da estrada para Matto Grosso pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes*. Curitiba, Typ. de Candido Martins Lopes, 1871. Impresso, Biblioteca Nacional.
1871. ELLIOTT, João Henrique. "Planta dos Campos de Xeres ou Vaccaria desde o Rio Paraná até a Villa de Miranda, por onde deve seguir a projetada estrada da Província do Paraná para de Matto-Grosso, com as Fazendas mais notaveis que existião antes da invasão paraguaya, por João Henrique Elliott, 1871." Ms., original, Biblioteca Nacional.

1871. LOPES, João Francisco. "Diário da Exploração da 2ª Secção da Estrada do Matto-Grosso". Ms., inédito, Arquivo Público do Estado do Paraná.
1879. ELLIOTT, João Henrique. "Relatório do Estado Actual do Aldeamento de S. Jerônimo até o 1º de janeiro de 1879". Ms., inédito, Arquivo Público do Estado do Paraná.

NOTAS

¹ Conforme anúncio de venda publicado no jornal *Dezenove de Dezembro*, Ano V, n. 10, em 5 de maio de 1858. O processo judicial de contestação à posse dessas propriedades data de 1922 e foi movido pelo Estado do Mato Grosso contra os herdeiros do barão de Antonina. Parte do processo se encontra transcrito na obra de Astolpho Rezende, *O Estado do Matto Grosso e as supostas terras do Barão de Antonina*, Rio de Janeiro, Papelaria Santa Helena, S. Monteiro & Cia. Ltda., 1924. Também sobre o mesmo processo, ver: *As propriedades do Barão de Antonina em Matto Grosso. Contestação aos embargos de terceiro senhor e possuidor apresentados pelo Estado do Matto Grosso. Pareceres dos Drs. Clóvis Bevilacqua & outros*. São Paulo, Secção de Obras d'O Estado de São Paulo, 1922.

² Cf. PENÇO, Célia de C. Ferreira. *A evaporação das terras devolutas no Vale do Paranapanema* (Tese de doutorado). Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, 1980. Segundo a autora, por volta dos anos de 1860, José Teodoro e mais dois proprietários também de origem mineira controlavam cerca de 70% das terras desta região; datadas de 1847, o registro das posses do primeiro foi feito junto ao vigário da paróquia de Botucatu, em 1856. A análise deste tipo de estratégia relacionada à ocupação do território do Mato Grosso e à ação do barão de Antonina pode ser encontrada na obra de SODRÉ, Nelson Werneck. *Oeste. Ensaio sobre a grande propriedade pastoril*, 1. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1941; edição fac-símile, Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1990, especialmente no capítulo "A conquista pastoril".

³ Ver, ao final deste artigo, o arrolamento dos principais relatos, memórias e outros documentos de autoria de Lopes, Elliott e Antonina, relativos direta ou indiretamente aos empreendimentos aqui tratados.

⁴ Dados sobre a biografia de João da Silva Machado podem ser encontrados em: ALMEIDA, Aluisio de. "Achêgas à biografia do barão de Antonina". *Rev. do Arquivo Municipal de São Paulo*, CXI v., 1947. p. 7-39; BROTERO, Frederico de Barros. *Barão de Antonina. Apontamentos genealógicos*. São Paulo, Escola de Profissionais Salesianas, s/d; Macedo, J.M. Elogio fúnebre de J. S. Machado, Barão de Antonina. *Revista do Inst. Hist. e Geogr. Bras.* tomo 38, 1875. p. 420.

⁵ PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 14. ed., São Paulo, Brasiliense, 1976.

⁶ Episódio dos mais interessantes relacionado à configuração da elite paulista da época foi a parceria econômica e social estabelecida entre o barão de Iguape e o barão de Antonina. Parceiros na exploração do comércio de tropas da feira de Sorocaba, ver sobre o assunto: PETRONE, Maria Thereza S. *O Barão de Iguape. Um empresário da época da Independência*. São Paulo/Brasília, Cia. Editora Nacional/INL, 1976.

⁷ Uma amostra da extensa correspondência enviada pelo barão de Antonina às diversas autoridades imperiais está incluída na série de manuscritos Offícios diversos de faxina, entre os anos de 1842 a 1852, localizada no Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸ LOPES, Joaquim Francisco. Roteiro de uma picada levada a efeito... Manuscrito publicado no *Boletim do Departamento de Arquivo do Estado de São Paulo*. 3, 1943. p. 61-125. Dados sobre

a biografia de Lopes podem ser encontrados em: CARVALHO, J. R. de Sá. Memórias do sertanista Joaquim Francisco Lopes. O povoamento do sul do Mato Grosso. *Diário do Sul*. Ano I, Campo Grande, n. 69, 1929; Previsto Columbia. *O sertanejo Joaquim Francisco Lopes. Galeria da Província do Paraná, homens notáveis* (publicação do Club Literário Curitybano), Curitiba, Typographia da Viúva Lopes, 1878.

⁹ SODRÉ, Nelson Werneck. *Oeste. Ensaio sobre a grande propriedade pastoril*, op. cit., p. 62 e seguintes.

¹⁰ TAUNAY, Visconde de (Alfredo d'Escragnoille Taunay). *A retirada de Laguna. Episódio da Guerra do Paraguay*. (tradução) 10. ed., São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo, s/d.

¹¹ Trata-se de um dos poucos testemunhos sobre a passagem de Elliott na região; encontro que se deu por volta de 1872, no aldeamento de São Jerônimo. BIGG-WITHER, Thomas. *Pioneering in South Brazil. Three years of forest and prairie life in the Province of Paraná*. London, John Murray, 2 v., 1878, p. 259-268. A citação é da página 258.

¹² ELLIOTT, João Henrique [sic]. *Aricó e Caocochée ou uma voz no deserto*. Rio de Janeiro, Vianna & Cia., 1852; 2. ed. fac-similar, Curitiba, Secretaria de Cultura e Esporte, 1980.

¹³ CIMI (Conselho Indigenista Missionário), Regional Sul. *Toldo Chimbangue. História e luta Kaingang em Santa Catarina*, 1984. p. 26.

¹⁴ Questão discutida por Plínio M. S. Ayrosa, ao comparar os originais de um dos roteiros de Elliott e Lopes com o publicado na *Revista do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*: As entradas de Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott - o barão de Antonina. *Revista do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo*. 28, 1930. p. 221-229.

¹⁵ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. "Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional". *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 1, 1988. p. 5-27.

¹⁶ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador, a viagem*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

¹⁷ MACHADO, João da Silva. Informações que pude obter... *Revista do Inst. Hist. e Geogr. Bras.* tomo 5, 3. ed., 1885. p. 109-117.

¹⁸ Entre os anos de 1847 a 1859 foram criados a mando do barão de Antonina, e posteriormente reconhecidos pelo poder central, quatro aldeamentos destinados aos grupos kaiowá e kaingang: São João Baptista (1847), às margens do Rio Verde; São Pedro de Alcântara (1854), às margens do Rio Ivaí; São Jerônimo (1859), às margens do Rio Tibagi; Aldeamento de Pirapó ou de Nossa Senhora de Loreto (1855), na confluência entre o Rio Paranapanema e o Rio Pirapó, sobre as ruínas de Loreto. Fragmentos da memória que os grupos indígenas mantiveram sobre os episódios de seu aldeamento podem ser encontrados nos relatos de Nimuendajú, nos quais Silva Machado é lembrado como "Varão Antoninho", "cujos descendentes hoje se chamam Vergueiro": Curt Nimuendajú, "Apontamentos sobre os guarani". Tradução e notas de Egon Schaden. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, 8 v., p. 15 e 29.

¹⁹ "Ofício de João da Silva Machado ao Presidente da Província de São Paulo", ms. de 2 de setembro de 1842, Ofícios diversos de faxina, Arquivo do Estado de São Paulo.

²⁰ Sobre o histórico dos grupos indígenas da região e suas relações com os exploradores aqui tratados ver: MONTEIRO, John. *Southern Brazil*. Texto inédito preparado para a *Cambridge History of the native peoples of the Americas* (no prelo); HEMMING, John. *Amazon Frontier. The defeat of the brazilian indians*. Cambridge: Harvard University Press, 1987, especialmente capítulo 23, "Kaingang defiance".

²¹ LOPES, João Francisco. Itinerário de João Francisco Lopes, encarregado de explorar a melhor via *Revista do Inst. Hist. e Geogr. Bras.* 13 v., 2. ed., 1872. p. 318-319.

²² ELLIOTT, João Henrique. Itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Iguatemy..., ms. inédito, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, p. 16-17.

²³ LOPES, João Francisco. Itinerário de João Francisco Lopes ..., op. cit. 321 e seguintes.

²⁴ Apud REZENDE, Astolfo. *O Estado do Mato Grosso e as supostas terras do barão de Antonina*. op. cit., p. 62-63.

²⁵ ELLIOTT, João Henrique. A emigração dos Cayuaz. *Revista do Inst. Hist. e Geogr. Bras.* tomo 9, 2. ed., 1869.

²⁶ Idem, p. 444.

²⁷ Idem, ibidem, p. 446. Em outros documentos de autoria de Elliott, a caracterização dos índios Kaingang, aldeados em São Jerônimo, é diametralmente oposta: segundo ele, tratavam-se de índios ferozes e vingativos que, mesmo catequizados, eram muitas vezes tomados por seus "instinctos selvagens". ELLIOTT, João Henrique. Relatório do estado actual do aldeamento de S. Jerônimo até o 1º de janeiro de 1879, ms., inédito, Ofícios diversos. Códice Indígena, Arquivo Público do Estado do Paraná.

²⁸ *Revista do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo*. 28 v., 1930; AYROSA, Plínio. "As entradas de Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott - o barão de Antonina". p. 221-229; ELLIOTT, João Henrique. "Itinerário de huma viagem exploradora pelos rios Verde, Itarerei, Paranapanema e os sertões circunjacentes mandada fazer pelo Exmo. Snr. Barão de Antonina em 1845". p. 230-267; "Um 'croquis' da situação de N. S. de Loreto". p. 790-805 (de autoria de J. H. Elliott, de 1852) e "Um manuscrito do capitão Antonio Dias Baptista Prestes" ("Viagem do Capitão Antonio Dias Prestes e seu irmão Manoel Dias Baptista Prestes desta província de São Paulo à Cuyabá em 21 de abril de 1851").

²⁹ "Viagem do Capitão Antonio Dias Prestes...", op. cit. p. 795.

³⁰ Na citação destes roteiros procurou-se seguir a ordem cronológica dos eventos neles registrados e/ou a data de sua autoria e não a data de publicação; não foi possível a localização e/ou consulta dos documentos assinalados com asterisco; mencionados no "Catálogo da Exposição de História do Brasil". *Anais da Biblioteca Nacional*. Tomo IX, Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger e Filhos, 1881/1882, optamos por manter seu registro.